

Linguística Cognitiva: uma entrevista com a Professora Lilian Ferrari (UFRJ/CNPq)

Sara Martins Adelino¹
Wellington Couto de Almeida²

RESUMO

A ideia para esta entrevista nasceu após a II Escola Aberta de Linguística (II EAL) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, ocorrida em dezembro de 2020, evento em que a Professora Lilian Ferrari ministrou o minicurso Introdução à Linguística Cognitiva. Para a entrevista, direcionamos perguntas feitas pelos alunos do minicurso que, por limitação do tempo disponível, não puderam ser respondidas. Lilian Ferrari é Doutora em Linguística pela UFRJ (1994) e atualmente é professora na mesma instituição, no Departamento de Linguística e Filologia, além de membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Desde 1995, atua na área de Linguística Cognitiva. É coordenadora, desde 2003, do LINC (Laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva), no qual desenvolve pesquisas sobre o Português Brasileiro, o Português Europeu e o Inglês, orientando

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pesquisa na linha de Modelos funcionais baseados no uso. E-mail: saraadelino@letras.ufrj.br.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pesquisa na linha de Linguagem, mente e cérebro. E-mail: wellingtonalmeida@letras.ufrj.br.

alunos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, além de supervisões de pós-doutorado.

LINGUÍSTICA RIO: O QUE É A LINGUÍSTICA COGNITIVA E O QUE NÃO É? NO QUE SE DIFERENCIA DE OUTRAS TEORIAS COMO GERATIVISMO, FUNCIONALISMO E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES?

LILIAN: A Linguística Cognitiva (LC) é uma abordagem teórica que tem se desenvolvido cada vez mais ao longo dos últimos 40 anos e tem sido caracterizada como uma das abordagens mais dinâmicas no âmbito da linguística descritiva e teórica. A área tem suas origens por volta do final dos anos 70 e início dos 80, tendo como referência os trabalhos de George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy. De modo geral, o que a Linguística Cognitiva propõe é que as estruturas formais da linguagem sejam estudadas como reflexo da organização conceptual mais geral. Nesse sentido, a cognição é entendida em termos de estruturas mentais que constituem o nosso conhecimento de mundo e a linguagem seria um reflexo disso, isto é, o meio de organizar, de processar, e de transmitir essas informações.

Então essa é a principal diferença em relação à Gramática Gerativa, que também é cognitiva e que também trata a cognição como estrutura mental. Entretanto, o conhecimento a ser levado em conta na Gramática Gerativa é o conhecimento de linguagem, isto é, as estruturas mentais relevantes são inatas e caracterizadas como geneticamente programadas para capacitar o aprendizado da linguagem. Então, o foco da Gramática Gerativa são os aspectos formais. Já a Linguística Cognitiva vai propor que os aspectos formais estão associados a fatores semânticos e funcionais. Assim, para a LC, o conhecimento linguístico envolve não apenas o conhecimento de linguagem, mas também o conhecimento de mundo que é mediado pela linguagem. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva se aproxima das teorias linguísticas pragmáticas e funcionais.

Em um primeiro nível, uma definição mais “estreita” seria a de que a Linguística Cognitiva envolve um conjunto de pesquisas centradas na análise semântica do tipo proposto por Talmy (1988 a, b; 2000 a, b), Lakoff (Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1987), Fauconnier (1985, 1997) e Langacker (1987, 1991). Essa definição está ligada também a fatores geográficos e sociais, como o fato de que todos esses linguistas trabalharam, em parte, pelo menos, em universidades californianas, nos anos 80 e 90, principalmente na Universidade da Califórnia, tanto em Berkeley quanto em San Diego. Em

um segundo nível, a fronteira apontada seria a de que a Linguística Cognitiva privilegia aspectos funcionais da linguagem, mas relacionados ao papel da dimensão puramente semântica e lida, em menor grau, com o papel das dimensões verdadeiramente comunicativas, como traços discursivos e interacionais da linguagem, o papel do conhecimento compartilhado, o seu efeito na estrutura informacional, relações interpessoais entre falantes e ouvintes etc.

Já no que diz respeito às diferenças entre a Linguística Cognitiva e a gramática de construções, podemos apontar, em primeiro lugar, que a gramática de construções é um conglomerado de abordagens, algumas das quais podendo ser situadas no âmbito da Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995; Croft, 2001). Mas outras variedades, no entanto, não se encaixam na Linguística Cognitiva, como a versão de Fillmore, Kay e outros, que está em construção desde meados dos anos 80. Esse ramo da gramática de construções se inclina para o modelo de gramática como a head-driven phrase structure grammar (HPSG). Então, enquanto Fillmore e Kay desenvolvem um modelo formal abstrato de representação do conhecimento linguístico, Lakoff, Goldberg e Croft propõem uma teoria em que o conhecimento linguístico é descrito e explicado com base no que se sabe sobre a cognição não linguística.

Com relação a esse assunto, eu recomendo a leitura do capítulo “Cognitive Linguistics and Functional Linguistics”, que está no Oxford Handbook of Cognitive Linguistics, de 2007, e um trabalho que eu escrevi com o Professor Diogo Pinheiro, que foi publicado na revista Linguística, periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, intitulado “Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais”

LR: QUAIS OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA ENTENDER A LINGUÍSTICA COGNITIVA?

LILIAN: Para falar a verdade, são vários os conceitos. Eu vou, então, falar sobre alguns que são básicos e que são bastante importantes. O primeiro conceito é o conceito de corporificação. Esse conceito está relacionado à corrente filosófica chamada de realismo internalista, proposta pelo filósofo Hillary Putnam, e o termo depois foi incorporado por George Lakoff à Linguística Cognitiva sob o rótulo de realismo experientialista. Nele, a ideia básica é a de que experiências corporais e sociais embasam os nossos sistemas

linguísticos e conceituais, ou seja, a nossa cognição é ancorada no nosso corpo e leva em conta, portanto, as nossas experiências sensorio-motora, perceptual, dentre outras. Um outro conceito relacionado ao conceito de corporificação é o de dinâmica de forças, que foi proposto por Leonard Talmy, que é a representação linguística das interações de força e relações causais que ocorrem entre certas entidades em uma situação. Essa noção é subjacente a várias categorias gramaticais, como verbos modais (e.g. poder, dever), preposições e conjunções. Essas categorias gramaticais podem representar interações de força e relações causais que se estabelecem entre nossos corpos e determinados objetos no mundo físico ou entre determinadas entidades no mundo físico.

Outra noção importante é a noção de esquemas imagéticos, que são uma descrição condensada da experiência perceptual com o propósito de mapear a estrutura espacial à qual nós temos acesso, com base no nosso corpo, e mapear essas estruturas em estruturas conceituais. Assim, existem vários esquemas imagéticos, como o de trajetória, o de container, a ideia de acima e abaixo... Essas noções, que são descrições condensadas da nossa experiência corporal, podem ser mapeadas em estruturas linguísticas. Por exemplo, o esquema imagético de trajetória é mapeado no conceito de futuro, com o verbo “ir”, em português. Em “eu vou cantar”, a ideia de deslocamento no espaço e a ideia metafórica de que FUTURO É PARA FRENTE fazem com que se mapeie esse esquema imagético de trajetória na noção de futuro.

Outro conceito importante é a noção de construal associado à noção de perspectivação. Em relação ao primeiro, a ideia é que o significado não envolve apenas o objeto da conceptualização, mas também o sujeito da conceptualização e esse sujeito da conceptualização pode adotar diferentes perspectivas para retratar uma determinada cena. Essas diferentes perspectivas são denominadas construal em relação àquela cena, i.e., a representação linguística, a partir de uma determinada perspectiva, em relação a uma determinada cena.

As noções de protótipos e categorias radiais também são fundamentais em Linguística Cognitiva. Essas noções vêm de pesquisas em psicologia experimental, principalmente, mas também de pesquisas sobre cores, na antropologia e na filosofia da linguagem, com as reflexões de [Ludwig] Wittgenstein. A ideia é que a categorização não é uma questão de tudo ou nada, como previsto no modelo clássico, mas ela ocorre em termos de categorias que exibem graus de prototipicidade. Nesse sentido, essas categorias têm membros mais prototípicos e mais representativos da categoria e outros mais periféricos. No caso das aves, por exemplo, a gaivota

seria uma ave prototípica, porque teria todos os traços da categoria “ave”: bico, pena, capacidade de pôr ovos, habilidade de voar etc. Já outras aves seriam mais periféricas na categoria, ainda que pertencentes à categoria, como é o caso do pinguim, que tem alguns traços, mas não todos: o pinguim não pode voar e não tem exatamente asas, já que estas funcionam como nadadeiras.

Outro conceito importante é o conceito de frame e os conceitos relacionados, como os de modelos cognitivos idealizados e domínios. Estes são, na verdade, modos de caracterizar o conhecimento enciclopédico estruturado, que é conectado com o conhecimento linguístico. Então, um exemplo que Fillmore, que foi quem propôs o conceito de frame, nos anos 70, dá é o de cena comercial. Quando nós ouvimos um termo relacionado à cena comercial, como o uso do verbo “comprar” em “Maria comprou um livro”, automaticamente nós acessamos todo os frames e todos os elementos relacionados e inter-relacionados a esse frame, como a ideia de vender, a existência de uma mercadoria, de um valor, e tudo o mais.

Metáfora e metonímia também são conceitos importantes. As chamadas “figuras de linguagem”, são concebidas, na Linguística Cognitiva, como processo de pensamento que se reflete na linguagem. Essa ideia se inicia no livro clássico de Lakoff e Johnson, de 1980, que se chama *Metaphors We Live By* (em português traduzido como *Metáforas da vida cotidiana*). A ideia é que as metáforas funcionam como o processos de pensamento que se refletem na linguagem e elas podem, inclusive, estruturar vários fenômenos linguísticos, como é o caso das polissemias, ou seja, das relações entre os diferentes significados de um item polissêmico; essas relações podem se estabelecer de modo metafórico, por exemplo. Outro conceito importante é o de espaços mentais, advindo da Teoria dos Espaços Mentais, proposta por Gilles Fauconnier. Eles são descritos como domínios parciais e locais, construídos à medida que falamos e pensamos, à medida que o discurso se desenvolve, e contêm elementos estruturados por frames e por MCIs. Então, uma sentença como “Maria comprou um livro” abriria um espaço passado em que “Maria” e “livro” estabelecem uma relação de comprar e esse espaço é estruturado, então, pelo frame de cena comercial.

E ainda no âmbito da Teoria dos Espaços Mentais, o conceito de integração conceptual ou de mesclagem conceptual foi proposto para dar conta de significados criativos, i.e., da criatividade que está relacionada aos significados. Esta seria uma operação mental básica, que trabalha sobre espaços mentais. Nesse sentido, a mesclagem envolve minimamente quatro espaços mentais, dos quais dois são espaços de input, geralmente

relacionados por analogia, caracterizada no espaço genérico, e o espaço mescla, onde são mesclados elementos, tanto do input 1 quanto do input 2, e de onde surge o novo significado (output).

LR: É DE SENSO COMUM QUE A LINGUÍSTICA COGNITIVA SE DEDICA A QUESTÕES SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS. QUAL É A ABORDAGEM COGNITIVISTA COM OS OUTROS NÍVEIS LINGUÍSTICOS (FONÉTICA, FONOLOGIA, MORFOLOGIA, SINTAXE ETC)?

L: De fato, a LC concentra grande esforço na descrição e explicação de dimensões semânticas e pragmáticas relacionadas ao modo como conceptualizamos e categorizamos o mundo, mas não seria correto dizer que se dedica exclusivamente a esses aspectos. Tanto é assim que, desde seus movimentos iniciais, a interface entre sintaxe e semântica foi postulada e explorada pela Gramática Cognitiva, de Ronald Langacker, e pela Gramática de Construções, como nos modelos de Goldberg e Croft. Recentemente, inclusive, há modelos de Gramática de Construções ancorados na Teoria dos Espaços Mentais (Steen e Turner, 2013; Hoffmann e Turner, 2021, este último a ser ainda publicado). Para consulta, há ainda uma conferência de Thomas Hoffmann proferida no evento Linguists online, organizado pela Associação Brasileira de Linguística, a ABRALIN.

Quanto aos níveis fonético e fonológico, há estudos em Linguística Cognitiva que defendem, por exemplo, que o som tem estrutura prototípica. Alguns foneticistas já propuseram isso no âmbito da Gramática Cognitiva (Nathan, 1996, 2008). Quanto ao nível morfológico, existem estudos sobre morfemas flexionais, formação de palavras, etc (Janda, 2007). Essa formação de palavras é concebida como parte de uma descrição gramatical unificada, envolvendo, nesse sentido, a categorização, o alinhamento Figura/Fundo e a acomodação, como propõem Langacker (1987) e Ungerer (2007).

LR: UM TRABALHO DE NÚÑEZ E SWEETSER (2005) MOSTRA QUE O AYMARA REPRESENTA O FUTURO COMO ATRÁS E O PASSADO NA FRENTE, DIFERENTE DO PORTUGUÊS, QUE FAZ O CONTRÁRIO. COMO A LINGUÍSTICA COGNITIVA NOS AJUDA A ENTENDER A VISÃO DE UMA COMUNIDADE?

L: A começar pela noção de frame, sabemos que a construção do significado se dá pela ativação de conhecimentos inter-relacionados e culturalmente motivados. Por isso, palavras como “solteirão” e “vegetariano” só vão existir porque existem determinadas expectativas culturais em relação ao status conjugal dos indivíduos e ao tipo de alimento que consomem, respectivamente.

No caso da metáfora, a situação é semelhante. Como os domínios metafóricos são estruturados por frames, o domínio-fonte tenderá a refletir o modo pelo qual uma dada cultura concebe determinadas situações. Então, por exemplo, no caso da metáfora TEMPO É ESPAÇO, em português a ideia de deslocamento no espaço prevalece, a partir do esquema imagético de trajetória, o que licencia que digamos coisas como “O Natal está logo ali na frente”. Já no caso do aymara, a ideia de uma postura contemplativa no espaço em relação a uma determinada paisagem acaba sendo recrutada. Então, o que está na frente do observador é o que se pode ver, e, portanto, é o passado; e o que está atrás é o que não está acessível à percepção, portanto, o futuro. Nesse sentido, uma expressão em aymara que pudesse ser traduzida como “ano da frente” significaria “ano passado”.

LR: SEGUINDO A PERGUNTA ANTERIOR, COMO A LINGUÍSTICA COGNITIVA SE DIFERENCIA DA HIPÓTESE DE SAPIR-WHORF?

L: A Hipótese Sapir-Whorf (Hipótese do Relativismo) propõe que as línguas são relativas, ou seja, variam na expressão de conceitos de formas significativas, e que a expressão linguística de conceitos influencia o pensamento de um modo geral. A literatura costuma dividir essa hipótese em versão “forte” e versão “fraca”. A versão forte, conhecida como Determinismo Linguístico, é a de que as categorias variáveis da linguagem controlam e determinam essencialmente as categorias gerais da cognição. Já a versão fraca sustenta que as categorias linguísticas podem influenciar as categorias do pensamento, mas não são fundamentalmente restritivas.

Em linhas gerais, essa versão “fraca” tem sido considerada pertinente e tem sido pesquisada, enquanto a versão “forte”, por ser muito determinística e por significar que a linguagem determinaria o pensamento, tem sido descartada.

No âmbito da LC, a Hipótese Sapir-Whorf, em sua versão “fraca”, tem sido testada a partir de vários domínios, por exemplo como as diferentes línguas nomeiam as cores, as formas, os números, como funcionam os

domínios do espaço, do tempo, do raciocínio condicional, e que tipo de influência se pode exercer a partir disso. O que os estudos têm mostrado é que a questão mais geral, “A linguagem influencia o pensamento?”, tem sido substituída por um conjunto de questões mais específicas: “Um determinado traço de uma língua influencia operações cognitivas específicas?”, “Qual a natureza dessas influências?”, dentre outras.

LR: QUAL A RELAÇÃO DA METÁFORA COM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA? EM GERAL, ELAS TÊM DIFICULDADE EM PERCEBER AS METÁFORAS UTILIZADAS NO COTIDIANO. COMO FUNCIONA?

L: No início dos anos 2000, orientei a tese de Renata Mousinho sobre processos figurativos na Síndrome de Asperger, que faz parte do espectro autístico. Na época, ao assistir às minhas aulas sobre vários tópicos abordados em Linguística Cognitiva, como metáforas conceptuais, metonímias, mudança de frames, Renata, que é fonoaudióloga, percebeu que seus pacientes do espectro autístico apresentavam problemas de comunicação associados justamente a esses fenômenos.

A tese, defendida em 2003, comparou indivíduos com Síndrome de Asperger e um grupo controle, concluindo que realmente as dificuldades de compreensão de metáforas e metonímias existiam, além das dificuldades relacionadas à interpretação de piadas (em que a compreensão exige uma mudança do frame inicialmente estabelecido para um novo frame ativado no fim da piada, que é o que provoca o riso).

Anos depois, eu estava discutindo os mesmos fenômenos em minhas aulas da graduação e, ao final do semestre, eu descobri que uma de minhas alunas havia sido diagnosticada como Síndrome de Asperger e que minhas aulas sobre metáfora foram de grande ajuda para que ela compreendesse o processo a elas associado, cujo entendimento sempre havia sido muito difícil. Essa aluna, Alice Casimiro, tem um blog, intitulado [A menina neurodiversa](#), que eu recomendo a todos que tenham interesse pelo assunto, uma vez que ela fala sob o ponto de vista de alguém com a Síndrome de Asperger. No fim, o que parece é que as pessoas que fazem parte do espectro autístico têm dificuldade com o processo de mapping, que é o estabelecimento de correspondências entre domínios cognitivos e, possivelmente, correspondências interpessoais, no caso da intersubjetividade. Para saber mais, recomendo o capítulo de Hobson e Hobson no livro *The shared mind: perspectives on intersubjectivity* (2008)

LR: HÁ ALGUNS ANOS O PESQUISADOR GEORGE LAKOFF TEM FEITO ALGUNS PRONUNCIAMENTOS SOBRE AS CANDIDATURAS E VITÓRIA DE TRUMP COM BASE EM CONCEITOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA. O QUE ESSA ÁREA TEM TRATADO E PREVISTO NA POLÍTICA?

L: Sim, George Lakoff participa ativamente do cenário político americano, trazendo conceitos da Linguística Cognitiva, como a noção de *frame*, no sentido de orientar o debate político. No âmbito dessa participação, lançou o livro *Don't think of an elephant*, em que argumenta que as estruturas linguísticas escolhidas podem enquadrar o debate político no sentido de favorecer, ou não, a apresentação das ideias defendidas. O nome do livro é um exemplo disso. Segundo o autor, quando ouvimos a sentença “Não pense num elefante”, embora a sentença seja negativa, a primeira coisa que nos vem à mente é justamente um elefante.

Assim, Lakoff propõe que o “*framing*” utilizado no debate, através das construções linguísticas selecionadas, é fundamental para que se tenha êxito na defesa de algumas ideias. Além de ter sido consultor da campanha do Obama com relação a esse assunto, Lakoff tem promovido incessantes debates na sociedade americana.

LR: QUAIS SÃO AS SUAS DICAS PARA QUEM QUER ENTRAR NO MUNDO DA LINGUÍSTICA COGNITIVA?

L: Em primeiro lugar, eu gostaria de dizer que, no meu ponto de vista, para ser um bom linguista, é preciso ter uma boa formação referente à Linguística enquanto campo (seus objetivos, objetos de estudo, suas principais vertentes etc.). Nesse sentido, em português, nós temos alguns manuais introdutórios, como o de Martelotta (2008) e o de Fiorin (2002). Em inglês, nós temos o livro de Akmajian e colaboradores (2017), que já teve várias edições e que eu considero muito bom.

No que se refere à LC, especificamente, em português nós temos o livro *Introdução à Linguística Cognitiva*, que eu publiquei pela Contexto, em 2011. Existe também uma série de artigos e coletâneas na área. Em inglês, há vários livros introdutórios, como Ungerer e Schmid (2006), Evans e Green (2006), além de Littlemore e Taylor (2014).

Além dessas referências bibliográficas, uma dica que eu acho que transcende a questão puramente acadêmica é a de investir no encantamento. Os iniciantes devem estudar e pesquisar sobre fenômenos que considerem

realmente instigantes, que motivem sua curiosidade, seu interesse, e eu acredito que, seguindo esse caminho, a possibilidade de contribuir para sua formação e para a área é muito grande

REFERÊNCIAS

AKMAJIAN, Adrian et al. **Linguistics**: An introduction to language and communication. MIT press, 2017.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics**: an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces**. MIT Press, Cambridge, MA, 1985.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language**. Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FIORIN, José Luis (Org.). **Introdução à linguística**, v. 1 e 2. São Paulo: Contexto, 2002.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions**: A construction grammar approach to argument structure. University of Chicago Press, 1995.

HOBSON, Peter; HOBSON, Jessica A. Engaging, sharing, knowing. In: ZLATEV, Jordan et al. (Ed.). **The shared mind**: Perspectives on intersubjectivity. John Benjamins Publishing, 2008.

JANDA, Laura. Inflectional morphology. In: CUYCKENS, Hubert; GEERAERTS, Dirk (Ed.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. 2007.

LAKOFF, George. Image metaphors. **Metaphor and Symbol**, v. 2, n. 3, p. 219-222, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. The metaphorical structure of the human conceptual system. **Cognitive science**, v. 4, n. 2, p. 195-208, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. University of Chicago Press, 2008.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites**. Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. Cognitive grammar. In: **Concise History of the Language Sciences**. Pergamon, 1995. p. 364-368.

Littlemore, J.; Taylor, J. (eds.). **The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics**. London/New York: Bloomsbury Academic, 2014.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Ed.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOUSINHO, Renata. **Aspectos lingüísticocognitivos da Síndrome de Asperger: projeção, mesclagem e mudança de enquadre**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Departamento de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

NATHAN, G; HURCH, B. Naturalness in phonology. **STUF - Language Typology and Universals**. 1996;49(3): 231-245. <https://doi.org/10.1524/stuf.1996.49.3.231>

NATHAN, Geoffrey S. **Phonology: A cognitive grammar introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

SWEETSER, E.; NÚÑEZ, R. Aymara, Where the Future is Behind You: Convergent Evidence from Language and Gesture in the Crosslinguistic Comparison of Spatial Construals of Time. In: **Cognitive Science Society**. 2005.

NUYTS, Jan. Cognitive linguistics and functional linguistics. In: CUYCKENS, Hubert; GEERAERTS, Dirk (Ed.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. 2007.

STEEN, Francis; TURNER, Mark B. Multimodal construction grammar. In: BORKENT, M.; DANCYGIER, B.; HINNELL, J. (ed.). **Language and the Creative Mind**. Stanford, CA: CSLI Publications, 2013.

TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. **Cognitive science**, v. 12, n. 1, p. 49-100, 1988a.

TALMY, Leonard. Force Dynamics in Language and Thought. **Cognitive Science**, 12:49-100, 1988b.

TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics**. Cambridge: MIT Press, 2000.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. 2. Typology and process in concept structuring. Cambridge: MIT Press, 2000.

UNGERER, Friedrich. Word-formation. In: CUYCKENS, Hubert; GEERAERTS, Dirk (Ed.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. 2007.

UNGERER, F.; Schmid, H. **Introduction to cognitive linguistics**. Routledge, 2 ed., 2006.